

Ludismo

Ao acordar, por fim, era uma máquina.

Não havia sido um processo rápido e instantâneo, mas uma longa reação em cadeia que culminou finalmente ao raiar do dia. O recém-convertido abria seus olhos. Agora eram mecânicos, e não podiam enxergar com a mesma vivacidade. Ao examinar o ambiente ao seu redor, apenas instruções claras e pensamentos objetivos lhe passaram pela cabeça: acordar, arrumar-se. Levantar-se, encher o tanque, e ir a ao trabalho.

Até alguns meses antes, quando ainda era pessoa, em cada diminuto detalhe conseguia ver algo de especial. O jeito como seus livros – agora obsoletos, não precisava mais ler – se amontoavam e acumulavam uma fina camada de poeira sobre as laterais; as pequenas formigas que, em sequência, marchavam em fileira sobre as bordas das paredes. Com o tempo, o processo foi tomando conta, e estes detalhes se anuviaram. Não eram necessários. O que era desnecessário foi sumariamente descartado em prol do objetivo. Amém.

Ainda mal funcionando, realizou as tarefas matinais com pressa e a eficiência possível. Levantou-se, mecânico. Lavou sua lataria e ingeriu seu combustível. Manteria o funcionando o tempo necessário, precariamente. O combustível era escasso, e a sua ocupação com as tarefas diárias impediam que ele pudesse procurar por mais. Fartura não era uma opção. Os excessos eram desestimulados.

Deixou sua casa pequena (para que espaço a mais?) e colocou-se a caminhar em direção ao trabalho. Um passo de cada vez, devagar e sempre. A fábrica era seu objetivo, e poderia sempre contar com sua existência. Poucas coisas são constantes no mundo, mas o trabalho é uma destas. Andou, olhando sem ver, ouvindo sem escutar. Já fizera aquele caminho centenas, milhares de vezes, e a tarefa já estava no automático. Logo, o transporte coletivo: Dentro, máquinas, como ele. Não sorriu ao vê-las, manteve-se quieto em seu canto. O gesto foi recíproco.

Na fábrica, desceram. Enfileirados, cada um foi para seu determinado setor, seu departamento específico. A maioria das máquinas, como ele, ia para a grande linha de montagem, onde eram mais necessárias. Não que algumas pessoas não fossem para a linha, mas este número era cada vez menor.

A máquina começou a trabalhar. Uma dose de movimentos repetidos que não lhe exigiam grande força. Havia feito isto no dia anterior, e no dia antes desse. Há cinco anos, trabalhava repetindo os mesmos movimentos. Suas juntas já estavam acostumadas. A dor do esforço repetitivo era ignorada. Vez ou outra algo de extraordinário acontecia, mas não podia sempre contar com a surpresa.

Devia manter-se focado, pois a qualquer momento ele poderia estar obsoleto. Imagine só! Ser substituído por uma máquina maior e mais eficaz. Ser tirado de linha, e quando menos esperar, estar abandonado em um ferro velho. Não, senhor, não era vida para ele. Já vira acontecendo isso com os outros, e por isso, morria com medo de sair com um *upgrade*.

Ao final do dia, a máquina parou de trabalhar. Seus braços de aço caíram contra o corpo. Várias máquinas foram produzidas, e nenhuma delas jamais seria adquirida por ela. Era uma verdade na qual tentava não pensar a respeito. Pensar demais lhe faria super aquecer, e isso não é o desejável. Deixar tudo no automático, é assim que prefere trabalhar.

O apito soou, e isto significava que era hora de recarregar as energias. Repor o escasso combustível, descansar as juntas – ora, não podemos enferrujar, podemos? – e ao dia seguinte repetir o processo.

Ao chegar em casa, colocou as coisas de lado. Estava com vontade de desligar, mas ainda era deveras cedo. Estava sem energias, mas havia uma ânsia implícita, mas que sempre sentia, por produzir mais do que conseguia. Produzir mais, produzir mais. Consequências da fábrica!

Olhou para o cômodo que deixara pouco maculado durante o dia. Um jornal repousava inocente, largado desde a manhã, sobre a mesa. Não se dera ao trabalho de lê-lo mais cedo – assimilar informações não era necessário quando se é apenas uma máquina operária – mas em seu ócio atual, tomou-o em suas mãos, rígidas e artificiais.

A máquina logo assimilou, ao ler a manchete, que o processo de substituição era iminente. A máquina soltou o papel sobre a mesa, se abasteceu de uma dose minúscula de combustível e desligou as luzes de casa.

Refletindo sobre o jornal, deitado em sua cama, fechou os olhos. Suspirou, com medo, e coçou os cabelos. Aquela manchete. Ele já estava, no momento, completamente artificial, mas a manchete lhe introduziu o temor.

Ora, estavam tentando o substituir por máquinas de verdade!